

POR QUE ÊLES NÃO COMBATEM DENTRO DAS REGRAS NO VIETNÃ?

OTTO HEILBRUNON

Trad. da Revista "ARMY", pelo Ten-Cel. Inf. (QEMA)
Eni de Oliveira Castro.

Este artigo foi enviado à Imprensa no início de fevereiro, antes de ter sido desencadeado, pelo Vietcong e Vietnã do Norte, o ataque a Saigon e a mais de 40 cidades, vilas e bases militares, antes de se saber que o Vietnã do Norte se lançaria à ofensiva contra Khe Sahn e combateria pela posse das províncias mais ao Norte. Qualquer que seja o resultado desses combates, a situação, segundo palavras do General Westmoreland, é uma "... fase audaciosa da campanha, caracterizada pela traição e pelo ardil ..." O desagrado do General deixa subentender: estes Vietcongs simplesmente recusam-se a observar as regras aceitas pelas Guerras Revolucionárias Populares".

As pesadas baixas que sofreu o General Giap nos combates de Loc Ninh, Tak To e Collina 875, em novembro e dezembro de 1967, dos quais estima-se que participaram 12.000 norte-vietnamitas e vietcongs, deveriam tê-lo convencido que, de acordo com as normas, deveria ter dado um passo atrás na 2.ª fase, se levasse em conta o tipo de operações na Malásia. Ele não o fez. E ainda mais, em janeiro de 1968, também deixou de seguir um dos dez famosos Princípios Militares de Mao-Tsé-Tung, que recomenda aos insurgentes tomarem em primeiro lugar as cidades fracamente defendidas; quando a situação for favorável, podem ser atacadas as cidades com defesas médias, mas deve ser aguardado até que as vantagens propiciem um ataque a cidades fortemente defendidas. Giap tentou tomar todo o lote de uma só vez.

Em artigo anterior, intitulado "O Desenvolvimento da Guerra Revolucionária", tentamos mostrar que as guerrilhas não seguem regras e que os pensamentos de Mao não constituem um livro de regras.

Mao não teve intenção de codificar imutáveis leis de guerrilha. Seu objetivo foi estabelecer as regras aplicáveis em sua guerra contra

NOTA DO TRADUTOR — Apesar de este artigo ter sido escrito há algum tempo, não perdeu sua atualidade, particularmente no que se refere à apreciação da doutrina de Guerra Revolucionária. O autor ressalta, com muita propriedade, o dinamismo doutrinário que dificulta previsões sobre o desenvolvimento das ações, variando de uma operação para outra.

o Japão e a China Nacionalista. Fique assim claro que não se pode deduzir, com base no que Mao escreveu, qual será a próxima ação do Vietcong.

Nosso artigo anterior analisou também as razões dos insurgentes para conduzir uma guerra de grandes unidades. Isto impõe aos americanos a máxima carga militar e financeira e o Vietcong espera, dêse modo, deixá-los extenuados. Por esta, e por outras razões, o Vietcong conduzirá ações de grandes unidades e, possivelmente, guerra regular, enquanto puder, a despeito do custo e de suas próprias baixas.

Aceitando o alto custo, estão também violando outro decantado princípio da guerrilha. "Documentos capturados confirmam que as tropas norte-vietnamitas, combatendo nas montanhas centrais da província de Kontum, receberam severas instruções para "aniquilar unidades americanas de valor batalhão ou maior". Conforme instruções de Hanói, esta missão deveria ser cumprida "sem levar em conta o custo que poderia ser elevado" (1).

Mais uma vez, Giap, com base em sua experiência na Guerra da Indochina, poderia dizer: "Ataque somente quando o êxito for certo; se não o for, não ataque". "O inimigo é forte? Evite-o", e "as baixas devem ser evitadas, mesmo a custa de perda de terreno" (2). Agora diz ele "Aniquilem Unidades Americanas... não importa o custo, que pode ser elevado".

Em conseqüência, não é mais verdadeiro dizer-se que estrategicamente as guerrilhas invertem a prática normal da guerra, procurando evitar a batalha, e que, taticamente, êles rompem o engajamento no qual estão próximos de sofrer baixas. Esta doutrina era correta no passado. Mas as guerrilhas não tentam, necessariamente, copiar a guerra passada. Além do mais, a doutrina de guerrilha é mais flexível do que se imagina. Esta flexibilidade é devida à contínua e meticulosa avaliação, "em bases de análise científica" sobre suas possibilidades e deficiências, bem como sobre as do inimigo. Isto exige excelentes informações táticas e estratégicas.

Precisamente porque as guerrilhas não tentam copiar a última guerra, as forças contraguerrilhas não devem também copiá-la. É errôneo concluir, como tem sido feito, que as forças de segurança no Vietnã devam dar prioridade à derrota da subversão política e não às guerrilhas, simplesmente porque êste método deu resultado na Malásia. No Vietnã, que é "outra guerra", não será conseguida a pacificação do país antes de os insurgentes serem privados da capacidade de lançar ataques de grandes unidades. Já justificamos isto em outra ocasião; e os ataques dos insurgentes, de janeiro/fevereiro

(1) The Daily Telegraph, 7 Dez 67 — Jan Ward.

(2) Vo. Nguyen Giap, Guerra Popular, Exército Popular, New York 1962, páginas 48 e 170.

de 1968 a 40 cidades, lançados por unidades de mais de 4.000 homens, reforçam amplamente este ponto de vista. Estes ataques jamais seriam desencadeados se as forças de segurança tivessem aplicado pressão forte e contínua, no passado, e compelido as unidades da força principal a se fraacionarem. O governo local não poderá funcionar, a segurança não será mantida e a pacificação não será obtida, enquanto as unidades da força principal não forem divididas, tornando defensáveis as cidades.

Na Malásia, fortes grupos de guerrilheiros, de 200 homens, foram forçados ao fraacionamento quando as tropas aprenderam a localizar as bases de guerrilhas; as guerrilhas foram obrigadas a procurar segurança em pequenas bases. Esta pressão foi reforçada pelas medidas eficientes para impedir a obtenção de alimentos. Na Argélia, os rebeldes tiveram de espalhar seus bandos de 600 homens porque foram derrotados em número crescente de engajamentos que, se continuassem, teriam tornado impossível incluir as incursões em seus movimentos. Mas, existe mais do que isto. As barreiras fronteiriças erguidas pelos franceses ao longo dos limites da Argélia com os territórios da Tunísia e Marrocos estancaram o fluxo de reforços, armamento e suprimentos para os rebeldes. O território sob seu controle ficou reduzido, impossibilitando os reacompletamentos em homens e material. Em consequência, o tamanho de suas unidades diminuiu cada vez mais. Da mesma forma, a liberdade de movimentos e a eficiência de suas forças de combate foram sendo restrin- gidas.

Decorrem, dêsse fato, três ensinamentos:

Primeiro, se as guerrilhas forem batidas pela contraguerrilha com a necessária severidade, deixam elas de encontrar segurança nos efetivos elevados. A necessidade de evitar perdas inaceitáveis compele-as a fraacionar suas unidades.

Segundo, o processo de fraacionamento pode ser acelerado se as medidas para evitar suprimento puderem ser convenientemente aplicadas.

Terceiro, se o fluxo de reforços e material proveniente de além fronteiras puder ser estancado, as possibilidades das guerrilhas decrescem. Elas perdem o controle de áreas sob sua posse; sua área de recrutamento se contraí e suas perdas em homens e armas tornam-se insuportáveis. As cidades podem proporcionar sua auto-defesa e surge a possibilidade da pacificação. Sem dúvida, outros assuntos estão em jogo para conseguir a pacificação, mas passa a existir a possibilidade.

Os americanos não têm obtido, até agora, no Vietnã, sucessos em tal escala; mas o término da barreira ao longo da zona desmilitarizada pode ocasionar uma mudança na guerra, especialmente se

a barreira fôr estendida às fronteiras do Laos e da Cambodja e se fôr também cortada a fonte de suprimento através do delta do Mekong, pela construção de uma faixa aberta, nos moldes da usada em Quênia. Deve-se ressaltar que a barreira não precisa cobrir tôda a fronteira; ela deve cortar o país em diagonal, pela parte nordeste, a fim de reduzir sua extensão.

De acôrdo com a estatística americana, em fins de 1966 os norte-vietnamitas possuíam no Vietnã do Sul tropas no valor de 55.000 homens e o Vietcong possuía 60.000 a 65.000 em sua fôrça principal. Onze meses mais tarde, no fim de novembro de 1967, os norte-vietnamitas elevam-se a 60.000 homens e a fôrça principal do Vietcong era de 58.000. O total, portanto, permanecia invariável. São ainda as fôrças norte-vietnamitas e fôrça principal do Vietcong que exercem o impacto da guerra. Os americanos estimam o fluxo norte-vietnamita de 5.000 a 7.000 homens por mês e declaram matar entre 1.000 a 2.000 homens por semana. Conseqüentemente, o fluxo norte-vietnamita equipara-se às baixas em mortos, ambos em um total de cerca de 6.000 por mês.

Entretanto, deve haver, ainda, feridos sêriamente, sem condições para retornar ao serviço. Seu número pode ser apenas estimado, mas não deve ser inferior ao número de mortos, isto é, 50.000 ou mais por ano. A esta quantidade deve ser acrescentado o número de capturados, embora êste deva ser relativamente baixo. As baixas dos insurgentes, em feridos graves e capturados, podem ser compensadas pela transferência de guerrilheiros para as fôrças principais; as guerrilhas, por sua vez, terão de recompletar, por recrutamento, os homens transferidos, bem como as perdas referentes aos mortos, feridos e desertores.

É óbvia a diferença que ocasionaria na guerra se houvesse uma barreira efetiva na fronteira em 1967; o afluxo de 72.000 norte-vietnamitas poderia ter sido impedido. Entretanto, é difícil compreender as reservas, em certos meios, neste país e nos EUA, sôbre o valor da barreira. Na Argélia, a barreira francesa conseguiu estancar todo o tráfego significativo através da fronteira. Ao longo da fronteira com a Tunísia, a barreira tinha uma extensão de cerca de 200 milhas.

Atrás da zona proibida, ao longo da fronteira, estendiam-se mais três rêdes de arame farpado, sendo uma delas eletrificada. A barreira era protegida por campos de minas e equipada com radar. Atrás dos obstáculos, corria uma estrada que era patrulhada por tropas motorizadas e mecanizadas. Cerca de 30.000 homens guardavam a linha.

Não há razões para supor que a barreira americana venha a ser menos eficiente.

É certo, como já o dissemos, que a francesa requeria, a grosso modo, uma Cia por milha para manter, inspecionar e vigiar a linha; mas não é justo concluir que uma barreira no Vietnã seja um gasto excessivo de meios capaz de reduzir as forças americanas destinadas às missões pacificadoras mais proveitosas. Como afirmamos de sobejo, a pacificação não poderá ter sucesso sem que seja eliminada a ameaça de ataque em massa do inimigo. Além do mais, é irrelevante quantos homens os franceses destinaram a missões na barreira. O valor dessa tropa depende do valor que se espera ter o ataque inimigo, do tempo para alcançar a barreira e do tempo que as tropas da barreira necessitam para chegar ao ponto do incidente. Pode-se afirmar que as tropas na barreira do Vietnã receberiam alertas mais rápidos que os franceses e que chegariam mais rápido ao ponto do incidente. Mas, o mais importante é o fato de que a barreira do Vietnã seria equipada com defesa automática até aqui não experimentada. Como noticiou "Time", em 22 Nov 67, "O General Westmoreland, comandante americano no Vietnã, disse, hoje, que tem sido estudada a idéia de uma barreira de radiação atômica entre o Vietnã do Sul e do Norte". Respondendo a pergunta, durante um almoço no "National Press Club", o General disse que a barreira nuclear foi considerada como parte de chamado muro McNamara. Ele recusou-se adiantar mais. Parece, à vista dessa declaração, que serão exigidos pequenos grupos de homens: a barreira poderá, por si mesma, proporcionar a segurança.

De que outra forma, sem a barreira, perguntamos, poderão as unidades ser compelidas a se fracionarem? Na Malásia não era necessário bloquear as estradas de acesso ao país; mas isto será necessário no Vietnã do Sul. Os bombardeios não conseguiram o grande sucesso necessário; a perseguição tenaz não é uma alternativa e não será muito diferente da invasão dos países vizinhos, se os guerrilheiros se retraírem profundamente para seu interior.

Uma invasão da Cambodja, Laos ou Vietnã do Norte, apenas ampliaria o conflito, aumentaria o número dos inimigos e exigiria mais tropa americana. E eles teriam de combater enquanto um forte inimigo, em tropas regulares e guerrilheiros, ameaçaria sua retaguarda. A ocupação de Hanói e Haiphong não traria a vitória; os franceses, conforme frisamos em outras oportunidades, ocuparam essas e outras cidades durante a guerra da Indochina e assim mesmo as perderam. A repercussão nos EUA, se a guerra fôsse estendida, poderia ser altamente prejudicial ao esforço de guerra. Finalmente, mas não menos importante, os "voluntários" chineses poderiam entrar na guerra. Em resumo, é infinitamente melhor confinar a guerra ao Vietnã do Sul e cercá-lo com barreiras, do que estendê-la a outros países.

Uma vez estabelecida a barreira, para que os americanos vençam no Sul, torna-se necessário cortar o fluxo de suprimentos pelo delta do Mekong e manter um ataque implacável.

O número de inimigos mortos mostra que os americanos têm tido sucessos em seus engajamentos com os insurgentes, mas não parece terem sido tomadas medidas, até agora, para cortar as rotas de suprimento do delta do Mekong.

Quais os prognósticos para a guerra após serem cortados os caminhos de infiltração pelo Norte e as rotas de suprimento do delta do Mekong?

Pode-se supor que os EUA continuarão a empregar a atual estratégica, em qualquer hipótese. Estas são palavras do General Westmoreland "enfrentar as forças inimigas de toda a natureza em todas as oportunidades". Poderemos ainda supor que as estatísticas americanas sobre o valor do inimigo estão razoavelmente corretas. Lembremos que, durante a Conferência de Imprensa realizada no Pentágono, em novembro de 1967, o General Westmoreland avaliou em 242.000 o efetivo inimigo enquanto as estimativas do Pentágono eram de 297.000 (3). A avaliação do General coincide com a distribuída pelo comando militar em Saigon (4) e encontra-se na seguinte estatística:

Supõe-se que as forças inimigas são assim constituídas:

Norte-vietnamitas	60.000
Fôrça Principal Vietcong	58.000
Guerrilheiros	70.000 a 90.000
Fôrças de apoio (administração, transporte, etc)	35.000 a 40.000
Total	223.000 a 248.000

As forças governamentais, em meados de 1968, eram:

Fôrças do EUA	225.000
Fôrças Sul-Vietnamitas, Sul-Coreanas, Austrálias, Tailandesas e Filipinas	770.000
Total	1.295.000

As forças governamentais terão, por conseguinte, mais de cinco vezes de superioridade sobre o inimigo. Entretanto, estes números não têm muito significado, pois incluem, nos dois lados, o apoio, que é consideravelmente maior no lado governamental do que no insurgente. O que importa não é a superioridade geral, mas a superioridade entre combatentes,

Fôrças combatentes, e de apoio ao combate, americanas (blindados, artilharia, aviação)	315.000
Tropas de combate e apoio ao combate, aliados	550.000
Total	865.000

(3) Cf. Financial Times, 24 Nov 67.

(4) Cf. David Bonavia, The Times, 25 Nov e 3 Dez 67.

Portanto, a superioridade de forças de combate é maior do que quatro vezes. Como se afirma frequentemente que as forças governamentais necessitam superioridade de dez ou mais vezes, a relação acima parece ser pequena.

A superioridade geral na Malásia, é verdade, era de dezoito vezes. Mas surge um quadro inteiramente diferente se atentarmos para a relação entre as forças combatentes. Na Malásia 9.000 homens das Forças Armadas e 8.000 policiais estavam engajados no combate a 7.000 guerrilheiros; as forças governamentais tinham, então, uma superioridade de menos de uma e meia vezes. No Quênia, era ainda menor: o valor das forças combatentes e forças de campanha policiais pouco diferenciava-se do valor em combatentes do Mau-Mau. Entretanto, na Malásia, bem como em Quênia, à exceção do início, os guerrilheiros atuavam em pequenas unidades. As forças governamentais devem ter a mais alta superioridade quando combatem grandes unidades de guerrilhas, como mostra a experiência alemã na Iugoslávia. Mas, a superioridade maior de quatro vezes deveria possibilitar às forças governamentais obter sucesso no Vietnã, mormente se considerarmos que, nos casos de emergência, sua mobilidade é bem maior que a normal, graças ao emprego de helicóptero.

Que incursões podem as forças de contra-insurgência fazer contra o inimigo no Vietnã? Não é provável que a presente taxa semanal de 1.000 a 2.000 mortes dos oponentes seja mantida porque, se for cortado o afluxo de reforços, será cada vez menor o efetivo das tropas regulares. Não se sabe até que ponto pode ser mantido o recompletamento das forças principais pela força de guerrilha, mas há um limite definido para isto: somente guerrilheiros experimentados podem tornar-se bons combatentes na força principal. Mesmo que o preparo de guerrilheiros pareça ser rápido, os claros, em veteranos, permanecerão.

O valor atual dos guerrilheiros é aproximadamente de 80.000 homens. Como vemos, cerca de 50.000 ou mais guerrilheiros devem ter sido transferidos para as forças principais, para recompletar suas perdas, durante 1967. Houve ainda aproximadamente 30.000 desertores nesse ano, dos quais presume-se que a maioria saiu dos guerrilheiros e não das bem disciplinadas forças principais ou regulares. Pode-se concluir que a maioria dos guerrilheiros não tem mais de um ano de atuação. A qualidade da força principal tende a se deteriorar no futuro.

Além disso, é provável que o território sob o controle do inimigo diminua, desde que, com o fechamento das fronteiras, as tropas norte-vietnamitas não possam recompletar seus claros decorrentes de mortos e feridos. As áreas de recrutamento, do mesmo modo, diminuirão o afluxo de recrutas para os guerrilheiros e a transferência de guerrilheiros para a força principal ficará reduzida. Não é possí-

vel prever quando esta redução privará as forças principais e as regulares de empregar, em combate, unidades de grande efetivo, mas, se a pressão for mantida, poderá isto acontecer relativamente em curto prazo. As forças governamentais podem então recorrer à guerra de patrulha, que é a forma mais econômica de guerra contra a insurgência; a pacificação terá então oportunidade de ser conseguida.

A barreira constitui, então, a diferença para os americanos entre uma situação de empate — na qual tropas novas no valor de cerca de 70.000 homens são infiltradas cada ano — e uma possível vitória. Mas não deve ser esquecido que os franceses obtiveram uma vitória militar na Argélia, e ainda assim perderam o país por não terem o apoio da população. O sucesso nos esforços de pacificação das forças no Sul do Vietnã dependerá do governo sul-vietnamita.

As deficiências do serviço civil e do governo local no Vietnã dificultam o progresso de pacificação da mesma forma que a falta de um sistema de Serviços Especiais impede o esforço de guerra em campanha; quando as forças governamentais puderem passar à ação do tipo de guerra de patrulha, isto será grandemente dificultado pela falta de organização, tal como um sistema de informações.

É improvável que os americanos vejam na barreira a arma da vitória. Mas é um dos meios que auxiliam a fracionar as unidades inimigas. Então, serão mais efetivas as medidas para estancar o abastecimento. Essas duas coisas são necessárias, se se desejar reduzir a duração dessa guerra até agora postergada.

A DEFESA NACIONAL é a sua Revista
de estudos e debates profissionais. É a sua
tribuna.

MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!